

Simonsen quer novo aperto nos cintos

Arquivo/CB



Simonsen

Rio — O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, defendeu, ontem, em palestra apresentada no seminário sobre conjuntura econômica nacional, que reuniu cerca de 100 empresários na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, a redução dos gastos públicos, "que estão causando problemas sérios com o déficit crescente", e o fim do contingenciamento dos bancos, para que o Governo consiga fazer baixar a taxa de juros interna. Simonsen foi categórico: "As taxas estão altas porque há déficit interno". O Governo deverá também diminuir o IOF e modificar o sistema de correção monetária.%E O ex-ministro evitou aprofundar-se na presença, em Brasília, da representante do FMI, Ana Maria Jul, apesar de suas críticas diretas ao crescente déficit público do País, motivo que trouxe Jul ao Brasil. Disse, entretanto, que nenhum programa se realiza completamente. "Há sempre alguns aspectos que vão se modelando no percurso e tudo depende do que o FMI aceite ou não". Para ele, o objetivo de ajustar a balança de pagamentos pode comportar uma recessão temporária — "seis meses" —, mas nunca por um período mais longo, o que só traria problemas para o bem-estar da população.

Falando sobre "as opções da economia mundial", Simonsen identificou o atual déficit da economia norte-americana — na margem dos 7% do PIB do País — como o principal responsável pela crise internacional. Os norte-americanos teriam um outro problema crucial: sua poupança interna está muito baixa, o que agrava ainda mais a situação. Simonsen aproveitou a oportunidade para criticar "aqueles que pensam que com o déficit a poupança norte-americana aumentaria".

A solução para a atual crise mundial, no entender do ex-ministro do Planejamento, será de longo e não de curto prazo. Citou o caso do Japão, que aponta "exatamente" para o modo oposto de enfrentar o proble-

ma, apesar da aparência: "Os japoneses tiveram também um déficit elevado, mas não tiveram os problemas que os EUA estão tendo". A diferença é que a moeda japonesa não é a dominante no Mundo e a poupança interna era sólida.

Simonsen reconheceu, durante os debates, que se houvesse um equilíbrio na economia norte-americana a recessão mundial teria sido menor, bem como os seus efeitos sobre o resto do Mundo. Acentuou ter acontecido nos EUA um "modismo", onde foram misturadas as teses de Lord Keynes e as dos monetaristas e tentou-se o impossível: Consertar o orçamento aumentando as despesas e cortando os impostos, quando deveria ser feito exatamente o contrário.%E O ex-ministro criticou, também, o fato de o Sistema Financeiro Internacionall não funcionar com uma moeda internacional como os direitos especiais de Saue (DES), a moeda escritural do FMI. Usar a moeda de um determinado País — alertou — submete todos os outros países às flutuações dessa moeda.